

PAISAGEM LINGUÍSTICA: UM NOVO OLHAR PARA OS ESPAÇOS URBANOS (E FRONTEIRIÇOS)

LINGUISTIC LANDSCAPE: A NEW LOOK AT URBAN (AND BORDER) SPACES

Kelly Cristina Nascimento Day (UEAP)¹

Kelly.day@ueap.edu.br

RESUMO: Este trabalho tem como objeto central o surgimento e o avanço dos estudos em Paisagem Linguística, além do desenvolvimento deste campo no Brasil, com especial atenção para aqueles que têm como espaço-tempo as regiões fronteiriças. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que delineia o estado da arte a partir de buscas online nas bibliotecas dos principais programas de pós-graduação em (sócio)linguística, em livros impressos ou e-book, bem como em programas interdisciplinares que destacam a paisagem linguística, a toponímia ou a sociolinguística urbana como objeto de estudos. Após uma breve apresentação do percurso teórico que deu origem aos estudos da Paisagem como elemento da linguagem urbana e da elaboração de um panorama sobre as principais vertentes de pesquisa em desenvolvimento, foram recenseados 22 trabalhos que atendiam aos critérios preestabelecidos, ou seja, temporalidade (2000 - 2023) e localidade (circunscrito ao território brasileiro ou limítrofe). Observou-se então, que deste quantitativo apenas 6 (seis) trabalhos, no cenário nacional, contemplam estudos de áreas limítrofes transnacionais, dois sobre fronteiras do norte e quatro sobre fronteiras do sul do país. Os resultados apontam para uma expansão da área na última década, projetando-se para abordagens e disciplinas diversas, espaços múltiplos, sincrônicos e diacrônicos, porém com avanço ainda muito tímido na configuração da paisagem nas zonas de fronteira.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem linguística; Espaços urbanos; Fronteiras.

ABSTRACT: This work focuses on the emergence and advancement of Linguistic Landscape studies, as well as the development of this field in Brazil, with special attention to those whose space-time is border regions. This is a bibliographical survey that outlines the state of the art based on online searches in the libraries of the main postgraduate programs in (socio)linguistics, in printed books or e-books, as well as in interdisciplinary programs that highlight the linguistic landscape, toponymy or urban sociolinguistics as an object of study. After a brief presentation of the theoretical path that gave rise to the study of Landscape as an element of urban language and an overview of the main strands of research being carried out, 22 papers that met the pre-established criteria, i.e. temporality (2000-2023) and location (confined to Brazilian territory or bordering it), were surveyed. It was then observed that only 6 (six) of these studies, on the national scene, include studies of transnational border areas, two on northern borders and four on borders in the south of the country. The results point to an expansion of the area in the last decade, projecting itself into diverse approaches and disciplines, multiple spaces, synchronic and diachronic, but with still very timid progress in the configuration of the landscape in border zones.

KEYWORDS: Linguistic landscape; Urban spaces; Frontiers.

1 Introdução

¹ Professora adjunta da Universidade do Estado do Amapá (UEAP) – <https://orcid.org/0000-0002-2077-7832>

A questão central deste texto gravita em torno das múltiplas perspectivas que os estudos em Paisagem Linguística (PgL) possibilitam para a compreensão das interações linguísticas e das relações sociais nos espaços urbanos e rurais, públicos e privados, físicos ou virtuais e, em particular, nas regiões limítrofes entre Estados nacionais. Colocamos, portanto, em destaque, nesta contribuição, a Paisagem Linguística e seu desenvolvimento como campo de estudo no cenário internacional e brasileiro, bem como os trabalhos até então desenvolvidos em contextos fronteiriços.

Nascidos da confluência de um mundo física e virtualmente globalizado, da aceleração da urbanização das cidades e da fluidez das fronteiras que têm tido um impacto universal nos processos de comunicação, os estudos da paisagem linguística têm-se revelado potencialmente férteis em termos das diferentes perspectivas epistêmicas que podem contribuir para a compreensão das práticas sociolinguísticas urbanas e das suas interfaces.

Por outro lado, as fronteiras são construções humanas em constante evolução e manipuladas ao mesmo tempo pelos agentes públicos e pelos atores sociais fronteiriços, razão pela qual o estudo desses espaços apresenta muitas peculiaridades, especialmente quando se busca olhar em profundidade cada um dos aspectos que se entremeiam, entre os quais, a PgL. Porém, ainda que os estudos da paisagem estejam estreitamente relacionados a uma “Sociolinguística da globalização” e do multilinguismo dos grandes centros urbanos, cabe lembrar que as fronteiras, em contrapartida, já apresentavam dinâmicas integrativas e multilíngues muito anteriores à intensificação dos processos comerciais e comunicativos provocados pelo alargamento das fronteiras e pela abertura de um mercado global.

Nesse cenário, face a expansão dos estudos da Paisagem Linguística mundialmente, buscou-se realizar um levantamento de dados que desse conta da extensão das pesquisas já realizadas no Brasil, com especial atenção para os ambientes fronteiriços. Para tanto, foram realizadas buscas online nas bibliotecas dos principais programas de pós-graduação em (sócio)linguística, em livros impressos ou e-book, bem como em

programas interdisciplinares que colocam em evidência a paisagem linguística, a toponímia ou a sociolinguística urbana como objeto de estudos, tendo como critérios de busca a temporalidade, ou seja, entre os anos de 2000 e 2023, e de localidade, aqueles circunscritos ao território brasileiro ou limítrofe.

Assim, com o objetivo de evidenciar as pesquisas já realizadas em cenários fronteiriços, buscamos primeiramente, neste recorte que compõe uma pesquisa bem mais extensa, apresentar os postulados teóricos que sustentam os estudos de Paisagem Linguística; em seguida, apresentamos algumas das correntes de pesquisa na área, bem como, o desenvolvimento desse campo no Brasil, as pesquisas já realizadas e suas contribuições para a compreensão das dinâmicas linguísticas em regiões de fronteiras políticas e nossas considerações finais.

2 Paisagem Linguística: um novo olhar para os espaços urbanos

Os estudos em Paisagem Linguística se vinculam originariamente a duas vertentes diretamente relacionadas: no contexto europeu, à Sociolinguística Urbana, uma disciplina que desde o final do século XX “contribui para a compreensão da organização social da cidade e, mais amplamente, do papel da cidade no processo de estruturação social²” (HELLER, M., 2005, P. 322, tradução nossa); e no cenário norte-americano, à Sociolinguística da globalização, sendo o multilinguismo entendido como um complexo de recursos semióticos envolvendo acentos, variedades de línguas, registros, gêneros, modalidades, formas de uso da linguagem em ambientes particulares de comunicação e esferas da vida (BLOMMAERT, 2010).

A paisagem linguística constitui-se de toda presença escrita de uma ou mais línguas em espaços públicos ou privados, urbanos ou rurais, físicos ou virtuais. Diferentemente das primeiras acepções de Paisagem Linguística, que a restringia a espaços públicos urbanos, e, em especial, às cidades, o objeto de estudo desse campo tem se ampliado continuamente, estendendo-se para espaços outros como escolas, hospitais, sites, shoppings etc., que tanto congregam a circulação de públicos diversos, quanto

² No original: (...) qui contribue à la compréhension de l'organisation sociale de la ville et, plus largement, du rôle de la ville dans les processus de structuration sociale.

lançam mão de políticas de visibilidade multilíngue, multimodais e multissemióticas em seus ambientes.

Shohamy e Waksman (2012, p.111, tradução nossa) destacam que "a linguagem no espaço público se tornou uma arena de luta simbólica e de debate sobre a participação e a distribuição de recursos nas cidades, locais de trabalho, escolas, bairros e espaços nacionais e globais³". Com efeito, as PgL refletem não só as práticas linguísticas, mas também os fenômenos inerentes à coexistência das línguas como resultados de representação, identidade e atitudes linguísticas, e acabam por reforçar as políticas linguísticas apoiadas pelas comunidades em contato.

Conforme já demonstrado, tal qual a composição linguística de uma região, o emprego das línguas na paisagem também é delimitado e moldado por circunstâncias históricas, políticas, ideológicas, geográficas e demográficas, além de imprimir sua própria dinâmica dentro de uma realidade sociocultural mais ampla (SHOHAMI; BEN-RAFAEL; BARNI, 2010), evidenciando tanto a natureza das relações sociais quanto o comportamento linguístico e as políticas linguísticas em jogo. Ao chamar a atenção para os cenários urbanos contemporâneos, Bourhis e Landry (2002) observam que

A predominância de um idioma sobre um ou mais idiomas nas mesmas placas comerciais e de trânsito pode revelar o status relativo dos idiomas e das comunidades linguísticas presentes no mesmo território. Dessa forma, a sinalização administrativa e comercial pode servir como um marcador de uma realidade sociolinguística que pode ser bastante complexa e variar do bilinguismo mais ou menos igualitário ao domínio acentuado de uma maioria linguística sobre uma ou mais minorias linguísticas. Cada placa governamental ou comercial pode, portanto, revelar o status e o poder respectivos das comunidades linguísticas que compartilham o mesmo território urbano, regional ou nacional⁴" (BOURHIS; LANDRY, 2002, p. 125, tradução nossa).

³ No original : language in public space has become an arena of symbolic struggle and debate about participation and distribution of resources in cities, work places, schools, neighborhoods, national and global spaces

⁴ No original : La prédominance d'une langue par rapport à une ou plusieurs autres langues sur les mêmes affiches commerciales et panneaux routiers peut révéler le statut relatif des langues et communautés linguistiques en présence sur ce même territoire. Ainsi, l'affichage administratif et commercial peut servir de marqueur d'une réalité sociolinguistique qui peut être assez complexe et qui peut varier du bilinguisme plus ou moins égalitaire à la domination marquée d'une majorité linguistique sur une ou plusieurs minorités

Além disso, diversos trabalhos já realizados (DAY, 2021; MALINOWSKI, D.; TUFI, S., 2020; BEN-RAFAEL, E., 2006, 2009) têm evidenciado que a assimetria das línguas na paisagem não só assinala a existência de diferentes comunidades linguísticas e o seu estatuto no tecido social, mas também, através da ausência de outras línguas, identifica as práticas continuadas de apagamento linguístico.

Nesse sentido, cabe destacar que a PgL reflete não só as relações e a estrutura do espaço em que estas ocorrem, muitas vezes delimitando fronteiras sociais e étnicas, mas também as políticas linguísticas efetivamente adoptadas e/ou determinadas pelas comunidades, colocando os indivíduos no centro da gestão das línguas enquanto força motriz da regulação da vida em sociedade.

De igual maneira, as fronteiras materiais e suas práticas limítrofes não implicam apenas em territórios físicos e paisagens visíveis, elas comumente incorporam a paisagem suas dinâmicas, suas lacerações, suas abordagens do espaço tempo e fazem dos sujeitos partícipes da construção dos repertórios espaciais, da ótica discursiva local, da territorialidade nacional, entre outros componentes da lógica fronteiriça.

De acordo com a literatura e os trabalhos originais (LANDRY; BOURHIS, 1997; CENOZ; GORTER, 2008; SHOHAMY, 2010), os elementos que compõem uma paisagem linguística são oriundos de duas direções contrapostas: os categorizados como *top-down* (*de cima para baixo*), de natureza oficial, cujos sinais e/ou marcas provêm de agências governamentais locais (fig. 1)⁵; e os *bottom-up* (*de baixo para cima*), ou seja, provenientes de ações não oficiais (fig. 2)⁶, resultantes de iniciativas privadas, de comerciantes, sob a forma de folhetos, cartazes, faixas, vitrines, outdoors, etc., ações que ligam a paisagem linguística a aspectos como: a ecologia e o mercado linguístico, a diversidade sociolinguística existente, a territorialidade e a sinalização da política linguística num determinado espaço territorial.

linguistiques. Chaque affiche gouvernementale ou commerciale peut ainsi révéler le statut et le pouvoir respectif des communautés linguistiques partageant le même territoire urbain, régional ou national.

⁵ Monumento que demarca o território brasileiro, instalado por iniciativa institucional federal indicando “Aqui começa o Brasil”.

⁶ Aviso disponibilizado no cais do porto de passeio de Menton (França) advertindo sobre a proibição de crianças montarem a cavalo, disponibilizada em francês e italiano, por iniciativa do proponente do serviço.

Figura 1 – Delimitação espacial (Oiapoque/BR). Figura 2- Aviso (Menton/FR)

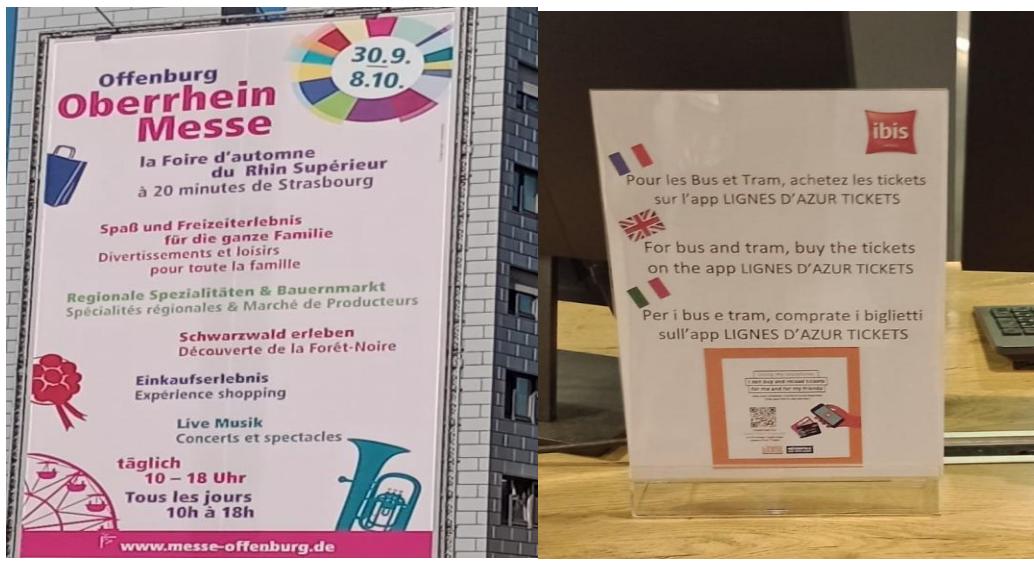
Fonte: a autora, 2023

Além de aspectos que indicam a procedência da PgL, Landry e Bourhis (1997) apontam duas funções sociais, a informativa e a simbólica, como características dos textos públicos indicando tanto seu caráter funcional (vender, informar, proibir etc.) quanto sua simbologia (territorial, linguística, política) incorporada e impressa nos espaços. Tais funções são, portanto, capazes de revelar informações sobre os habitantes e utilizadores de uma área, caracterizando-a, ao mesmo tempo, por sua demarcação geográfica, linguística e pela representação pública, seja das políticas linguísticas adotadas em um espaço-tempo, das marcações identitárias físicas e corpóreas, seja das relações intragrupais e entre grupos distintos, todas evidenciadas através da visibilidade ou invisibilidade das línguas, dos povos e de suas culturas semióticas.

A título de ilustração, destacam-se as figuras (3 e 4), delimitando tanto a proximidade geográfica (França-Alemanha e França-Itália, respectivamente) quanto a proximidade linguística a partir do uso das línguas francesa e alemã (fig.3) na divulgação

de uma feira de produtos regionais próxima à Estrasburgo e a utilização das línguas francesa, italiana e inglesa orientando a compra de bilhetes de trem na cidade de Nice.

Figura 3 – Painel em Kehl (Alemanha). Figura 4 - Painel informativo em Nice (França)



Fonte: a autora, 2023.

Ainda no âmbito das funções da PgL, Benson (2019) aponta outras três, estabelecendo uma correlação com as anteriormente propostas: a função identitária e a transacional, além da atmosférica, assim denominada por Cook (2013). O autor chama a atenção para a transitividade dos textos externos e internos nas suas funções identitária e transacional, pois estes possibilitam tanto identificar a natureza de um espaço (público ou privado, restaurante, supermercado ou livraria etc.) quanto colaborar na decisão de usá-lo ou não. É o caso, por exemplo, do uso de menus externos, reduzidos e em diferentes formatos, que convidam a aceder a outras ofertas no interior de bares e restaurantes, ou de produtos oferecidos na vitrine de lojas incitando o cliente a entrar no estabelecimento e a descobrir outras ofertas etc. O texto com uma função atmosférica, por outro lado, procura estabelecer o exotismo ou a autenticidade de um espaço, quer através do significado dos termos utilizados, quer através de diferentes dimensões da multimodalidade (SCOLLON & SCOLLON, 2003), formas, letras, cores, estilos etc.

Benson (2019, p.7-8, tradução nossa), ao falar do papel da paisagem linguística na constituição da centralidade urbana, argumenta que "é a centralização da atividade comercial que produz a paisagem linguística e não o contrário⁷" e defende, em complementação a essa linha de pensamento, que a PgL "desempenha o papel crucial de constituir um espaço como público⁸", chegando a defini-los e a categorizá-los com base em textos como: "entrada permitida", "entrada proibida", "apenas funcionários", entre outros.

Figura 5 – Informativo sobre a situação momentânea do espaço.



Fonte: a autora, 2021.

Além dos aspectos linguísticos, Benson (2019) também propõe uma análise semiótica da paisagem envolvendo cinco áreas: a) arquitetura e design, que envolve a paisagem arquitetônica e o layout interior e exterior; b) sinalização regulatória (sinais que regulam o uso do espaço, como ruas, estradas, etc.); c) sinalização exterior (ligada às funções e identidades dos espaços privados ou públicos e sua natureza); d) textos internos (como listas, folhetos, cardápios, que circulam em espaços internos); e) textos gerados pelo utilizador (reproduzidos on-line, revistas, mapas, etc.). Tais elementos podem,

⁷ No original: It is the centring of commercial activity that produces the linguistic landscape, and not vice versa.

⁸ No original: the linguistic landscape plays a crucial role in the production of urban and suburban centrality.

segundo Benson (2019), proporcionar uma análise mais completa de um cenário linguístico complexo e diverso.

Atentando para a produção, uso e a relação entre as línguas na paisagem, diferentes percepções vão integrar as análises em PgL. Reh (2004) categoriza a combinação de línguas em um mesmo artefato em quatro formatos: duplicação, fragmentária, sobreposição e complementaridade visando identificar se cada língua transmite informações equivalentes ou diferenciadas; Scollon & Scollon (2003), em uma visão mais vinculada à Geosemiótica colocam em evidência características como a colocação, inscrição, preferências e a semiótica visual dos códigos escritos, de modo a aprofundar a análise da multimodalidade. Huebner (2009, p. 84), por sua vez, propõe “um exame mais matizado das formas linguísticas adotadas nos artefatos, suas relações com os contextos em que aparecem, e as motivações e reações daqueles que são responsáveis por eles ou por eles afetados”.

Em outra perspectiva, não menos importante, os escritos públicos ativam nos cidadãos leitores, uma competência social, conforme Lucci (1998), que nunca se estabiliza, estando sempre em elaboração, através da qual o texto em si mesmo precisa ser lido e interpretado ultrapassando-se sua mera composição formal, pois conforme Harris (1993, p. 185, tradução nossa), “um texto escrito constitui, em certa medida, um ponto de interseção entre as manifestações do autor e as competências e as representações linguísticas e sociais do leitor⁹”. Nesse sentido, as mensagens grafadas no espaço urbano, para seu pleno funcionamento, implicam em competências não apenas linguísticas, mas também socioculturais, estabelecendo certa vincularidade entre as vivências do autor e aquelas do leitor, entre a experiência social, individual ou coletiva.

3 Sobre as pesquisas em Paisagens Linguísticas

Os estudos da Paisagem Linguística têm se desenvolvido desde o final dos anos 1990, a partir dos estudos de Landry e Bourhis (1997), em diferentes domínios, estabelecendo, nos termos de Kelleher (2017) uma passarela entre a linguística e as

⁹ No original: Un écrit constitue donc, dans une certaine mesure, un point d'intersection entre les manifestations de l'auteur et les compétences et représentations linguistiques et sociales du lecteur.

práticas sociais, educativas e urbanas. Ainda que este seja um campo jovem e em rápida evolução, ao menos cinco coleções já foram organizadas nas duas últimas décadas visando congregar trabalhos em PgL e apontar seus direcionamentos: em 2006, Gorter reúne uma série de artigos¹⁰ que analisam, sob ângulos diversos, a paisagem linguística de diferentes lugares (Israel, Japão, Tailândia, Holanda e Espanha), alinhando-a com diversos prismas da realidade social e situando-a como uma nova abordagem do multilinguismo. Em 2009, Shohamy e Gorter, seguidos de Shohamy, Bem-Raphael et Barni em 2010 propõem novas coletâneas¹¹ de artigos constituindo assim, segundo Blommaert (2013) a onda inicial do campo da PgL caracterizada por sua abordagem preponderantemente sincrônica, estática e quantitativa, ainda que já apontasse para novas possibilidades de extensão.

A segunda onda, assinalada por Kelleher (2017) como de caráter mais etnográfico, incorpora aspectos muito mais semióticos que linguísticos e as análises se voltam para uma semiologia multimodal, cujos significados emergem de processos contínuos de negociação e reinterpretação, e o texto é observado a partir de sua combinação de cores, fontes, superfícies, tamanho, brilho, entre outros (Kelleher, 2017, p.341), adotando, em certa medida uma análise modal nos termos de Kress et Van Leeuwen (1996, apud Kelleher, 2017), ou seja, a partir de uma multiplicidade de modos e recursos semióticos que integrados constituem o pleno significado do signo. Por outro lado, o foco nas práticas linguageiras, que elaboram os sentidos do texto e consideram o papel dos agentes sobre a paisagem, remete, neste âmbito, aos construtos sociológicos elaborados por Goffman (1981, 1983) quanto à situação de comunicação; a noção de comunidade de fala desenvolvida por Labov (1972), por Gumperz (1982), e Hymes (2003), entre outros, corporificando os trabalhos em PgL nessa segunda fase.

Em 2012, Shohamy destaca a expansão do campo de investigação, apontando tanto para abordagens linguísticas diversas, no âmbito da gestão das línguas (SPOLSKY, 2009), da Ecologia linguística (HULT, 2009), como para abordagens interdisciplinares,

¹⁰ GORTER, D. (2006) International Journal of multilingualism.

¹¹ SHOHAMY e GORTER (2009), *Linguistic Landscape: expanding the scenery*; SHOHAMY, E. ; BEN-RAFAEL, E ; BARNI, M. (2010) *Linguistic Landscape in the city*.

ligadas à perspectiva econômica (CENOZ; GORTER, 2009), à Sociologia (BEN-RAFAEL, 2006, 2009), à Antropologia (HEUBNER, 2009), entre outras. Assim, diante da diversidade de pesquisas voltadas para o espaço urbano, Blommaert (2013), destaca três aspectos nos estudos de Paisagem Linguística: (a) uma crescente visibilidade do espaço e sua subjetivação por aqueles que o habitam; b) a expansão dos estudos sobre multilinguismo a partir de uma perspectiva etnográfica; e c) um alargamento do olhar para as políticas linguísticas implementadas em diferentes contextos de urbanização.

Esse avanço para uma abordagem interdisciplinar vai se intensificar e mostrar-se claramente em pelo menos duas outras coleções: *Negotiating and contesting identities in Linguistic Landscape* (BLACKWOOD, LANZA, WOLDEMARIAM, 2016), cujos textos se voltam para questões de turbulência social, de identidade e reivindicação corpórea e de lugar, transmitidas sejam em camisetas e cartazes, sejam nos corpos através de tatuagens, emoldurando identidades, representações, contestações e atos de cidadania e pertencimento, a exemplo de protestos na África do Sul, pós Apartheid. E, mais recentemente, *Reterritorializing Linguistic Landscapes: Questioning boundaries and opening Spaces*, organizados por Malinowski e Tufi, em 2020, reúne trabalhos de dois Workshops internacionais sobre Paisagem Linguística (2015, 2016) dialogando e problematizando desde questões que concernem aos limites disciplinares, face a uma abrangência contínua do campo (Antropologia Educacional, Didática das Línguas, Geografia Cultural, Historiografia Urbana etc.); às fronteiras físicas como espaços multilíngues envolvendo língua, cultura, corpo e autoestima; os sujeitos como co-constituintes do cronotopo territorializando e reterritorializando espaços, até questões de ordem metodológica e ética conforme explana Blackwood et al. (2020).

Por outro lado, o aparecimento de novas abordagens da PgL também proporcionou a emergência de outras questões, elevando o nível de complexificação dos estudos propostos. É nessa linha de compreensão que pesquisadores contemporâneos situam os estudos em uma seara ainda mais ampla e ponderam que:

A formação de paisagens linguísticas refere-se a questões muito mais complexas relacionadas com contatos entre línguas, criatividade linguística, translinguagem, relações entre línguas e outros códigos, entre discursos escritos e outras modalidades discursivas, entre muitos

atores que escrevem, leem e contestam paisagens linguísticas, dependendo das suas atitudes, crenças, percepções e compromissos a nível individual, social e político. Todos estes diferentes atores, os sinais que escrevem (ou não escrevem), as línguas que escolhem (ou não escolhem), os modos que utilizam (ou não utilizam) e as razões para esse envolvimento com a palavra/imagem escrita, contribuem para a criação de significado num determinado espaço e demonstram reivindicações de identidade, relações de poder e várias formas de dissidência (HÉLOT; JANSEENS; BARNI; BAGNA, 2012, p. 23, tradução nossa)¹².

Assim, a fim de compreender melhor as dinâmicas sociais constantemente mediadas pelas línguas, linguistas e estudiosos de diversos domínios epistemológicos têm sido instigados a dar respostas a questões que se estendem para além do sociolinguageiro, envolvendo projeções interacionais, discursivas, políticas, socioantropológicas, didáticas, entre outras. No contexto educacional, no qual inserimos a Linguística Aplicada, a Didática das Línguas e a Educação Linguística por exemplo, as pesquisas têm avançado tanto nos cenários multilíngues quanto monolíngues tendo como espaço-tempo a escola (DAGENAIS et al, 2009; CLEMENTE et al, 2012; BELLINZONA, 2018) e os processos educativos entremeados por uma paisagem linguística escolar e extraescolar (ANDROUTSOUPOLOUS & KUHLEE, 2021).

Entendida como um terreno promissor, a PgL tem se expandido como recurso pedagógico no ensino de línguas estrangeiras, como já anunciam Cenoz e Gorter (2008), na aquisição de competências pragmáticas (Rowland, 2013), interculturais, multimodais, capazes de melhor promover a integração e a compreensão dos espaços sociais linguísticos e culturalmente diversos. Nessa perspectiva, tendo como referência a utilização da paisagem linguística como recurso pedagógico, Melo-Pfeifer e Silva (2021) categorizam esse uso com base no foco: a) plurilíngue, que envolve a conscientização dos aprendentes a respeito da diversidade linguístico-cultural local; b) monolíngue, em que

¹² The molding of linguistic landscapes amounts to much more complex issues related to language contacts, linguistic creativity, translanguaging, relations between languages to other codes, between written discourses and other discursive modalities, between many actors who write, read and contest linguistic landscapes, according to their attitudes, beliefs, perceptions and engagement at individual, societal and political levels. All these different actors, the signs they write (or don't write), the languages they choose (or don't choose), the modes they use (or don't use) and the reasons for such engagement with the written word/picture, contribute to the creation of meaning in a given space and show identity claims, power relations, and various forms of dissent (HÉLOT; JANSEENS; BARNI; BAGNA, 2012, p. 23).

se analisa o *status* ou papel social de uma determinada língua em um contexto sociodemográfico e multilíngue específico; ou c) misto, no qual ambas as perspectivas são consideradas.

Em outra linha, o avanço da investigação sobre a paisagem linguística em diferentes direções tem levantado, igualmente, questões metodológicas, que podem implicar uma maior ou menor profundidade dos resultados. Para Blackwood et al. (2020), essa preocupação se deve à

“estreita ligação entre a PgL e as ciências sociais, onde a investigação sobre fenômenos sociais geralmente envolve cenários contemporâneos e se concentra no aqui e agora (...) e onde os cientistas sociais interagem e se envolvem em diálogos tanto com lugares quanto com pessoas” (BLACKWOOD et al., 2020, p. 4, tradução nossa)¹³.

Assim, uma das questões que se levanta nos estudos da Paisagem Linguística centra-se naquilo que constitui o objeto de investigação. Sendo o objeto, o texto escrito, qual seria a unidade de análise? Outros elementos associados ao texto escrito, como os semióticos, podem ser incluídos na análise e na observação? Mudança e durabilidade impactam na construção de significados? Além desses, a seleção estaria restrita a textos ou permite a inclusão de todos os elementos visíveis num documento fotográfico? A análise incorpora apenas elementos fixos ou também os que são móveis? Questões desse gênero têm se mostrado recorrentes posto que impactam a escolha, implementação e descrição das ferramentas de pesquisa, à medida que orientam os parâmetros metodológicos da investigação, imprimem rigor metodológico, podendo ou não validar os resultados apresentados.

Diante disso, autores como Blackwood (2015), Barni e Bagna (2015), Coupland e Garrett (2010) salientam a necessidade de utilizar abordagens quantitativas mesmo quando a proposta final de análise é qualitativa, a fim de que os dados quantitativos possam estabelecer relações com o todo. Para além disso, a incorporação de procedimentos advindos do diálogo com outras áreas tem contribuído para a adoção de

¹³ No original: (...) of the close relationship between LL and the social sciences, where research into social phenomena usually investigates contemporary settings and focuses on the here and now (or on recent times), and where social scientists interact and engage in dialogues with both places and people.

métodos mistos e inovadores no estudo linguísticos da paisagem (BLACKWOOD et al., 2020).

4. Estudos da Paisagem Linguística no cenário brasileiro

No Brasil, o campo de estudos em Paisagem Linguística é ainda mais recente, tendo começado a tomar corpo apenas na segunda metade da última década. Os primeiros trabalhos a reivindicar filiação aos estudos de Paisagem Linguística datam de 2016, quando foram publicados os trabalhos de Vecchia (2016), Vecchia e Jung (2016), Soares, Lombardi e Salgado (2016), Silva, Santos e Jung (2016) e Faria (2016), cujas pesquisas, em geral, apresentam uma abordagem interdisciplinar e estão associadas às Políticas Linguísticas, à construção de identidades étnicas, à materialidade discursiva e aos repertórios linguísticos, particularmente nos contextos migratórios do sul do Brasil.

O acompanhamento das pesquisas realizadas desde então mostra que o volume de trabalhos ainda é limitado, dada a diversidade linguística e de cenários multilíngues no Brasil, tendo apresentado relativo avanço entre os anos de 2016 e 2018 e maior crescimento a partir de 2019. O quadro (1) apresenta uma cronologia dos trabalhos em Paisagem Linguística ou na interface com outros campos teóricos, entre 2016 e 2022.

Quadro 1 – Estudos em Paisagem Linguística no Brasil

Autor (es)	Título da publicação	Campo teórico	Ano da publicação
SILVA, I; SANTOS, M; JUNG, N.	Multilinguismo e Política Linguística: análise de uma paisagem linguística transfronteiriça.	Paisagem Linguística Políticas Linguísticas	2016
SOARES, M; LOMBARDI, R; SALGADO, A.	Paisagem Linguística e repertórios em tempos de diversidade: uma situação em perspectiva.	Paisagem Linguística Repertórios comunicativos	2016
VECCHIA, A ; JUNG, N.	Paisagem Linguística em um contexto suábio-brasileiro: mobilidade e representação de uma comunidade germânica.	Paisagem Linguística	2016
VECCHIA, A.	Paisagem Linguística como instrumento de políticas linguísticas em uma colônia de imigração suábia/alemã.	Paisagem Linguística Política Linguística	2016
FARIA, M.V.B.	Letreiros como fios dialógicos que tecem um bairro.	Análise do discurso	2016

SOARES, M.; GOMES, M.; SALGADO, A.	« Bonde dos Nike Fit » : Ideological and Identity issues towards a Graffiti in the City of Juiz de Fora/Brasil.	Paisagem Linguística e Identidade	2017
TEIS, D. T.; SEIDE, M. S.; LUCAS, P.	The toponyms in the linguistic landscape of av. Zelina, in São Paulo: a meeting in interdisciplinarity.	Toponímia Paisagem Linguística Política Linguística História	2018
JOVENCIO, M.	O Espaço das línguas espanhola e inglesa em Florianópolis: Um estudo sobre a paisagem linguística dos bairros Canavieiras e Lagoa da Conceição.	Política Linguística Paisagem Linguística Análise do discurso	2018
REIS, N; COUTO, E	A Ecolinguística e o espaço urbano: uma análise de fachadas comerciais da cidade de Goiânia, Goiás.	Paisagem Linguística EcoLinguística	2018
BERGER, I ; LECHETA, M	A Paisagem Linguística de um campus universitário fronteiriço: língua e poder em perspectiva.	Paisagem Linguística Análise do Discurso	2019
LUCAS, P.	Estudo toponímico sobre um município paraguaio colonizado por brasileiros: a PL de Naranjal - Paraguai.	Onomástica Sociolinguística Paisagem Linguística	2019
SOUZA, C.F.	Práticas de linguagem no contexto de internacionalização em um instituto federal: placas de sinalização e seus efeitos glotopolíticos.	Sociologia do Discurso Paisagem Linguística	2019
MELO-PFEIFER, S; LIMA-HERNANDES, M	Paisagens Linguísticas	Interdisciplinar	2020
BUENO, A.M	Paisagens Semióticas e imigração em São Paulo.	Paisagem Linguística Semiótica	2020
TAVARES DE BARROS, F.; HEIDMANN, G.; PHILIPPSEN, N.	Nomes de família de origens portuguesa e espanhola em lápides do cemitério de Iguatu- PR.	Paisagem Linguística Antropónímia Estudos do Léxico	2020
BATISTA, T ; PINTO, J.	Infraestruturas de globalização e escalas em paisagens linguísticas: camadas complexas reordenando o binarismo urbano-rural.	Sociolinguística Paisagem Linguística	2020
RODRIGUES, L	Paisagem Linguística em contexto fronteiriço: Estudo de caso em Tabatinga.	Paisagem Linguística Políticas Linguísticas	2020
FARIA, M.V.B; NASCIMENTO, C.D. O	Observando a paisagem linguística escolar.	Paisagem Linguística Linguística Aplicada	2020
DAY, K.	Políticas de linguagem semiotizadas na paisagem	Políticas Linguísticas Paisagem Linguística	2021

	linguística de Oiapoque e Saint-Georges		
GONÇALVES, D.	Plurilinguismo na Paisagem Linguística da Fronteira entre Brasil e Uruguai.	Paisagem Linguística Contato Linguístico	2021
NASCIMENTO, J.L; DAY, K.	Os escritos públicos fronteiriços: um estudo da paisagem da fronteira Oiapoque-Saint-Georges à luz da Ecolinguística	Ecolinguística Paisagem Linguística	2022
BERGER, I.	As línguas pelas ruas da cidade: o estudo da paisagem linguística urbana em contextos plurilíngues.	Política Linguística Paisagem Linguística	2022

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Nos termos de Melo-Pfeifer (2021, p.1038), tomando por base o período inicial, pode-se afirmar que "grande parte da produção ainda está alinhada em modelos teóricos de base mais estruturalista e menos ecológica, o que favorece uma apreensão bastante fragmentada das dinâmicas dessas paisagens". A partir de 2019, no entanto, assiste-se a um alargamento do campo de aplicação, quer em termos de áreas de investigação (grandes e pequenas cidades, micro e macro contextos, zonas rurais e urbanas, zonas de fronteira, etc.); quer em termos de epistemologias interdependentes, abrindo espaço para investigações no domínio do contato linguístico (STURZA ; TATSCH, 2016), da onomástica (LUCAS, 2019), da Sociologia do Discurso (SOUZA, 2019), da História e Geografia da Paisagem (TEIS ; SEIDE; LUCAS, 2018), da Ecolinguística (REIS; COUTO, 2018), da Lexicologia (TAVARES de BARROS et al., 2020), da Educação (FARIA, 2020), entre outras, indicando diagnósticos tanto mais diversificados quanto mais complexos sobre os usos das línguas na construção do espaço urbano no Brasil.

Em franco crescimento, em 2020, surge o primeiro volume de um periódico nacional (MELO-PFEIFER; LIMA-HERNANDES, 2020) dedicado aos estudos da Paisagem Linguística. Embora o foco central tenha sido os contextos educativos de língua portuguesa, os trabalhos reunidos naquele volume apresentam uma diversidade de cenários (locais e externos) e temáticas distribuídas pelas organizadoras em três domínios, Paisagens Linguísticas em contextos educativos; em contextos de mobilidade e aqueles relacionados aos estudos da Onomástica e Toponímia.

Os trabalhos já realizados têm confirmado a diversidade de ecologias e contextos multilíngues brasileiros e o impacto dos processos migratórios, do turismo, do contato em espaços urbanos plurais ensejando e revelando Políticas Linguísticas que tanto priorizam as línguas majoritárias e ou hegemônicas, quanto podem estar a serviço das línguas menorizadas e minoritárias, porém com forte apelo identitário local. Além disso, os estudos da paisagem têm mostrado relações históricas e culturalmente demarcadas nos espaços sociais e contribuído para a compreensão das lutas e descontinuidades que afetam certos espaços sociais, como os acadêmicos.

No âmbito das pesquisas realizadas em ambientes fronteiriços, espaços de particular interesse para nós nesta seara de pesquisa, destacamos dez (10) estudos encontrados na literatura, sendo quatro (4) internacionais e seis (6) nacionais. Dentre os trabalhos internacionais, Jaffe & Olívia (2013) apresentam a criatividade linguística no contexto turístico da Córsega e discutem a complexa relação entre as práticas linguísticas das minorias, a construção do espaço e os processos de identificação das línguas minoritárias, identificando tanto a continuidade quanto a mudança nos posicionamentos ideológicos linguísticos; Kallen, Ní Dhonnacha e Wade (2020), por sua vez, inovam apresentando a percepção de fronteira virtual, no intuito de preencher aquilo que compreendem como uma lacuna existente entre a PgL convencional e o cenário linguístico on-line.

Na mesma obra, Kudžmaité and Juffermans (2020) discutem a Paisagem Linguística da fronteira entre a Lituânia e a Polônia e as caracterizam como um espaço sociolinguisticamente aberto e semipermeável em função das diferenças observadas entre os dois sentidos de circulação, parecendo ser mais aberta na direção da Lituânia para a Polônia e mais fechada quando vista da Polônia para a Lituânia; e Dunlevy (2020) avalia a intrincada relação entre a língua oficial da Espanha e as três línguas autóctones e cooficiais (galego, baco e catalão) de três cidades fronteiriças no norte do País e lança luz sobre a gestão de Políticas Linguísticas adversas e autônomas no limite territorial dessas comunidades, reforçando identidades monolíngues como estratégia de defesa das línguas locais.

Dentre as pesquisas realizadas sobre espaços fronteiriços brasileiros, o primeiro deles investiga como a Paisagem Linguística de Foz do Iguaçu, fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, semiotiza o multilinguismo no espaço público e reflete as Políticas Linguísticas locais (SILVA et al., 2016). As autoras destacam o papel do inglês na região como língua translocal contrastando com uma baixa visibilidade de línguas fronteiriças, o guarani e o espanhol. O segundo trabalho, realizado por Berger e Lecheta (2019), tematiza a paisagem de um campus universitário fronteiriço a partir de uma perspectiva linguística, política e sociológica, debatendo o universo de questões socioculturais e econômicas reivindicadas na paisagem como estratégia de visibilidade. Chama-se a atenção nesse trabalho para as condições de produção dos sinais linguísticos e sua configuração como expressão de resistência e de não assimilação dos mecanismos de poder.

O terceiro, de Rodrigues (2020), lança luz sobre a Paisagem Linguística de Tabatinga e Letícia, na fronteira entre Brasil e Colômbia. Nesta obra, a autora apresenta um diagnóstico sociolinguístico dos repertórios comunicativos de uma comunidade linguística, destacando a invisibilização das línguas indígenas na paisagem e a falta de gestão do multilinguismo por parte do poder público, favorecendo assim a hegemonia das línguas oficiais dos respectivos territórios fronteiriços. Gonçalves (2021), por sua vez, contextualiza e apresenta o plurilinguismo na fronteira Brasil-Uruguai, a partir do estudo feito de 10 cidades fronteiriças, e evidencia o papel da paisagem nas dinâmicas de ocupação dos espaços urbanos fronteiriços, envolvendo línguas minoritárias naquele cenário. Diferentemente da configuração apontada na tríplice fronteira (SILVA et al., 2016), neste caso, é o espanhol que junto ao português assume contornos de língua hegemonic.

Por fim, incluímos nesta lista os trabalhos que temos desenvolvido, DAY (2021), NASCIMENTO; DAY (2022) sobre a paisagem linguística transfronteiriça de Oiapoque e Saint-Georges, nos quais apresentam-se análises preliminares das Políticas Linguísticas delineadas pelo uso das línguas na paisagem, salientando as dinâmicas, a ecologia linguística dessa fronteira e as relações de poder entre as comunidades linguísticas na

fronteira franco-brasileira. Os trabalhos já desenvolvidos no âmbito de um projeto mais amplo, intitulado Estudos da Paisagem Linguística Amazônica Amapá-Guiana-francesa: contato, ecologias, políticas e semióticas linguísticas da fronteira franco-brasileira, têm colocado em evidência o papel da comunidade linguística na adoção de políticas próprias que convirjam para uma adequação social e ecológica transnacional e para uma adaptação das práticas languageiras ao cenário local.

Considerações finais

No decurso deste trabalho buscamos configurar o percurso epistemológico do campo da Paisagem Linguística a partir de sua originária vinculação a denominada Sociolinguística Urbana, na vertente europeia, bem como aos estudos do multilinguismo e superdiversidade no contexto norte-americano, destacando os principais aportes teóricos desenvolvidos na área nas duas últimas décadas. Sequencialmente elencamos as principais vertentes de pesquisa que têm adotado a paisagem como elemento de investigação e propomos uma apresentação evolutiva (não exaustiva) dos trabalhos em Paisagem Linguística no cenário nacional.

O principal objetivo desta contribuição foi apresentar os Estudos em Paisagem Linguística como um olhar relativamente novo para os estudos da linguagem, especialmente nos espaços urbanos, com especial atenção para os fronteiriços. Tendo como referência a extensão das zonas de fronteiras brasileiras que incluem 9 (nove) estados nacionais e 588 municípios, pode-se afirmar que ainda são poucos os estudos realizados nesses espaços de transição linguística, cultural, identitária, entre outros. Ainda assim, os estudos já realizados se mostram bastante profícuos quanto aos novos olhares que os estudos da paisagem podem proporcionar, trazendo à luz dinâmicas linguísticas entre comunidades sociolinguísticas (*intra* e *inter*) nacionais, construções identitárias transnacionais, delimitações espaço-temporais através do uso das línguas, instrumentalização da língua enquanto espaço e forma de resistência, identificação, visualização e apagamento de línguas de povos minoritários.

Claramente, através da linha de estudos que se desenham na literatura, a Paisagem Linguística apresenta um cenário de expansão à medida que novos horizontes se projetam em diferentes vertentes dos estudos linguísticos, bem como em suas interfaces com a historiografia etno-social brasileira. Diferente de sua apreensão inicial, observa-se que a cidade não é a única matriz discursiva no escopo dos estudos em Paisagem, tampouco, o campo se resume à enumeração de línguas e sua distribuição pelo espaço urbano através de cores, formas, espaçamentos etc. A paisagem nos identifica individual e coletivamente, delimita e caracteriza espaços de convivência e de segregação, evidencia diferenças sociais, ideológicas, imaginárias e simbólicas, além de revelar Políticas Linguísticas vivenciadas, reveladas ou mesmo as nunca anunciadas.

Por fim, sem, no entanto, encerrar a discussão, destaco a importância de olhar para uma mesma realidade, muitas vezes já escrutinada, a partir de novas perspectivas, podendo reconstituir objetos fragmentados em divergentes percepções, e assim reler, revisitlar, reconfigurar linguística e sócio-historicamente as relações.

Referências bibliográficas

ANDROUTSOPOULOUS, J., & KUHLEE, F. Die Sprachlandschaft des schulischen Raums. Ein diskursfunktionaler Ansatz für linguistische Schoolscape-Forschung am Beispiel eines Hamburger Gymnasiums. *Zeitschrift für Angewandte Linguistik*, 75(1), p.195–243, 2021.

BARNI, M., and C. BAGNA. (2015). The Critical Turn in LL: New Methodologies and New Items in LL. *Linguistic Landscape: An International Journal* 1(1–2), p. 6–8, 2015.

BATISTA, T. E. P.; PINTO, J. P. Infraestruturas de globalização e escalas em paisagens linguísticas: camadas complexas reordenando o binarismo urbano-rural. *Domínios de Lingu@gem*, Uberlândia, v. 14, n. 4, p. 1136–1196, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/51815> . Acesso em: 1 maio. 2024.

BELLINZONA, M. Linguistic landscape e contesti educativi: Uno studio all'interno di alcune scuole italiane. *Lingue e Linguaggi*, v. 25, p. 297-321, 2018. Disponível em: <http://siba-ese.unisalento.it/index.php/linguelinguaggi/article/view/18953/16210> . Acesso em: 22 abril. 2023.

BEN-RAFAEL, E. A Sociological Approach to the Study of Linguistic Landscapes. In: SHOHAMY, E.; GORTER, D. (Orgs.). **Linguistic Landscape. Expanding the Scenery**. Nova York: Routledge, 2009. p. 40-54.

BEN-RAFAEL, E. et al. Linguistic Landscape as Symbolic Construction of the Public Space: The Case of Israel. **International Journal of Multilingualism**, v. 3, n. 1, p. 7–30, 15 abr. 2006.

BENSON, P. **Linguistic Landscapes 1: Theory and methods**. Multilingual Sydney Working Papers 2. Sydney: Macquarie University, 2019. Disponível em: <https://www.multilingualsydney.org/>

BENSON, P.; CLARKE, N.; HISAMUDDIN, H.; MCINTYRE, A. **Linguistic Landscapes 2: The linguistic landscapes of suburban Sydney**. Multilingual Sydney Working Papers 3. Sydney: Macquarie University, 2019. Disponível em: <https://www.multilingualsydney.org/>.

BERGER, I. As línguas pelas ruas da cidade: um estudo da paisagem linguística urbana em contextos plurilíngues. In: SEVERO, C. **Políticas e direitos linguísticos: revisões teórica, temas atuais e propostas didáticas**. 1^a Ed, Campinas, Sp: Pontes Editores, p. 127-147, 2022.

BERGER, I.; LECHETA, M. A paisagem linguística de um campo universitário fronteiriço: língua e poder em perspectiva. **Entrepalavras**, Fortaleza, v.9 (2), 396-414, mai-ago, 2019.

BLACKWOOD, R.; LANZA, E.; WOLDEMARIAM, H. (Orgs.). **Negotiating and contesting identities in Linguistic Landscapes**. London : Bloomsbury Academyc, 2016.

BLACKWOOD, R. LL Explorations and Methodological Challenges: Analysing France's Regional Languages. **Linguistic Landscape: An International Journal** 1(1–2), p. 38–53, 2015.

BLOMMAERT, J. **Ethnography, Superdiversity and Linguistic Landscapes: Chronicles of Complexity**. Bristol: Multilingual Matters, 2013.

BOSCHUNG, Susanne. Le paysage linguistique : reflet d'une réalité bilingue à Moncton, **Travaux Neuchâtelois de linguistique**, n° 64, p. 161–180, 2016.

BOURHIS Richard.Y et Rodrigue LANDRY. La loi 101 et l'aménagement du paysage linguistique au Québec, **Revue d'aménagement linguistique**, Hors-série, p.107-131, 2002.

BUENO, A. M. Paisagens semióticas e imigração em São Paulo. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 14, n. 4, p. 1111–1135, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/51830> . Acesso em: 1 maio. 2024.

CENOZ, Jasone; GORTER, Durk. Linguistic landscape and minority languages. **International Journal of Multilingualism**, vol. 3, no 1: 67-80, 2006. Disponível em <<https://doi.org/10.1080/14790710608668386>>. Acesso em 17 nov. 2019.



CENOZ, Jasone; GORTER, Durk. Langage economy and linguistic landscape. In : In: SHOHAMY, E.; GORTER, D. (Orgs). **Linguistic Landscape: Expanding the Scenery**, London: Routledge, 2009. P.55-69.

CENOZ, Jasone; GORTER, Durk. **El estudio del paisaje lingüístico**. 2008. Disponível em: https://www.euskadi.eus/gobierno-vasco/contenidos/informacion/artik22_1_cenoz_08_03/es_cenoz/artik22_1_cenoz_08_03.html. Acesso em 03 jan. 2019.

CLEMENTE, M., ANDRADE, A. I., & MARTINS, F. (2012). Learning to read the world, learning to look at the linguistic landscape: A study in the first years of formal education. In: HELOT, C.H; BARNI, M; JANSSENS, R; BAGNA, C. (Orgs.), **Linguistic landscapes, multilingualism and social change**, 2012. p. 267–285

COOK, V. The language of the street. **Applied Linguistics Review**, 4 (1), 43-81, 2013.

COUPLAND, N. ; GARRETT, P. Linguistic landscapes, discursive frames and metacultural performance: The case of Welsh Patagonia. International **Journal of the Sociology of Language**, 205, p. 7-36, 2010.

CURTIN, Melissa. Languages on display: Indexical signs, identities and the linguistic landscape of Taipei. In : SHOHAMY, E ; GORTER, D. (Orgs.), **Linguistic landscape: Expanding the scenery**, New York, Routledge, 2009. p. 221-237.

DAGENAIS, D. et al. Linguistic landscape and language awareness. In: SHOHAMY, E.; GORTER, D. (Orgs). **Linguistic landscape: expanding the scenery**. New York: Routledge, 2009. p. 253-269.

DAY, Kelly, C. N. Políticas de Linguagem semiotizadas na paisagem linguística transfronteiriça de Oiapoque et Saint-Georges. **Revista Humanidades e Inovação**, v.8, nº 66, p 20-37, 2022.

DALLA VECCHIA, A. Paisagem Linguística como instrumento de políticas linguísticas em uma colônia de imigração suábia/alemã. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 638-650, 2016.

DALLA VECCHIA, A.; JUNG, N. M. Paisagem Linguística em um contexto suábiobrasileiro: mobilidade e representação de uma comunidade “germânica”. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, n. 40, p. 115-128, Jan/Jun 2016.

DUNLEVY, D. The Effect of Regional Borders on the LL in Northern Spain. In: MALINOWSKI, D.; TUFI, S. **Rerterritorializing Linguistic Landscapes: questioning boundaries and opening Spaces**. London: Bloomsbury publishing plc, 2020, P.236 – 261.

FARIA, M. V. B. Letreiros como fios dialógicos que tecem um bairro. **VI CÍRCULO – Rodas de Conversa Bakhtiniana: literatura, cidade e cultura popular**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 1009-1017.

FARIA, M. V. B.; NASCIMENTO, C.D.O. Observando a paisagem linguística escolar. **Polifonia**, Cuiabá-MT, v.27, nº 49, p.347-361, 2020.

GONÇALVES, Diana, P. Plurilinguismo na paisagem linguística da fronteira entre Brasil e Uruguai. 2021. 153f. **Tese de Doutorado**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre.

GORTER, D. (ed.). Linguistic Landscape: New Approach to Multilingualism. **International Journal of Multilingualism**, v. 3, n. 1, 2006. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/toc/rmj20/3/1?nav=tocList>

HARRIS, R. **La sémiotique de l'écriture**, Paris : presses du CNRS, 1993.

HÉLOT, Ch.; BARNI, M.; JANSSENS, R.; BAGNA, C. Introduction. In: HÉLOT, Ch.; BARNI, M.; JANSSENS R.; BAGNA, C. (Orgs.). **Linguistic Landscapes, Multilingualism and Social Change**. Bern: Peter Lang, 2012. p. 17-24.

HUEBNER, T. A Framework for the Linguistic Analysis of Linguistic Landscapes. In: SHOHAMY, E.; GORTER, D. (Orgs). **Linguistic landscape: expanding the scenery**. New York: Routledge, 2009. p. 70-87.

HULT, F. M. Language Ecology and Linguistic Landscape Analysis. In: SHOHAMY, E.; GORTER, D. (Orgs). **Linguistic landscape: expanding the scenery**. New York: Routledge, 2009, p. 88-104.

JAFFE, A; OLIVIA, C. Linguistic creativity in corsican tourist contexto. In: PIETIKAINEN, S.; KELLY-HOLMES, H. **Multilingualism and the periphery**. Oxford univerity press, 2013, p. 95-117.

KALLEN, J.L.; NI DHONNACHA, E.; WADE, K. Online Linguistic Landscapes: Discourse, Globalization, and Enregisterment. In: MALINOWSKI, D.; TUFI, S. **Reterritorializing Linguistic Landscapes: questioning boundaries and opening Spaces**. London: Bloomsbury publishing plc, 2020, p. 96 – 117.

JOVENCIO, M. O Espaço das línguas espanhola e inglesa em Florianópolis: Um estudo sobre a paisagem linguística dos bairros Canavieiras e Lagoa da Conceição. 2018. 266f. **Dissertação de mestrado**, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

KELLEHER, William. Les linguistic landscape studies. **Langage et société**, nº 160-161, p. 337-347, 2017.

KUDZMAITE, G.; JUFFERMANS, K. Political Open-Sociolinguistically semipermeable: A linguistic Landscape view into the Lithuanian-polish borderland. In: MALINOWSKI, D.; TUFI, S. **Reterritorializing Linguistic Landscapes: questioning boundaries and opening Spaces**. London: Bloomsbury publishing plc, 2020, p.262 – 283.

LANDRY, Richard et Rodrigue BOURHIS (1997). Linguistic landscape and ethnolinguistic vitality, **Journal of Language and Social Psychology**, vol. 16, no 1, p. 23-49, 1997. Disponível em <<https://doi.org/10.1177/0261927X970161002>>. Acesso em 17 fev. 2019.

LISEK, G. Linguistic landscapes und Fremdsprachendidaktik? Bestandsaufnahme zum universitären und außeruniversitären Polnischunterricht in Deutschland. In C.

BADSTÜBNER-KIZIK, C. ; JANIKOVA, V. (Orgs.), **Linguistic landscape und Fremdsprachendidaktik**. p. 273–296, 2018.

LUCAS, P. Estudo toponímico sobre um município paraguaio colonizado por brasileiros: a PL de Naranjal - Paraguai. **CiFEFiL Revista Philologus**, Rio de Janeiro, Ano 25, nº 74, p. 173-187, maio/ago, 2019.

LUCCI, Vincent. Des écrits dans la ville (présentation). In : LUCCI, V. et al. **Des écrits dans la ville. Sociolinguistique des écrits urbains : l'exemple de Grenoble**. Paris: L'Harmattan, p.15-21, 1998.

MALINOWSKI, D.; TUFI, S. **Reterritorializing Linguistic Landscapes: questioning boundaries and opening Spaces**. London: Bloomsbury publishing plc, 2020.

MELO-PFEIFER, S.; SILVA, F. Potencial didático da paisagem linguística no ensino-aprendizagem do português: um estudo da paisagem linguística do “Portugiesenviertel” de Hamburgo. In N. Dominique & M. Souza Neto (Eds.), **Microgeopolítica da língua portuguesa: ações, desafios e perspectivas**. Boavista Press, 2021. p. 85–107.

MELO-PFEIFER, S.; LIMA-HERNANDES, M.C. (Orgs). **Paisagens Linguísticas. Domínios da Linguagem**, Uberlândia, nº 4, vol.14, 2020.

NASCIMENTO, J.L.; DAY, K. Os escritos públicos fronteiriços: um estudo da paisagem da fronteira Oiapoque-Saint-Georges à Luz da Ecolinguística. **Revista Missangas**, nº6, Jul-Dez, 2022. P. 135-159.

REIS, N. P.; COUTO, E.K.N. N. A Ecolinguística e o espaço urbano: uma análise de fachadas comerciais da cidade de Goiânia, Goiás. **Revista de Letras**, nº 37 – vol 2, 2018. P. 241- 255.

RODRIGUES, L.F. Paisagem linguística em contexto fronteiriço: estudo de caso em Tabatinga (BRA) e Letícia (COL). **Revista Trama**, v.16, nº 37, p.149-160, 2020.

ROWLAND, L. The pedagogical benefits of a linguistic landscape project in Japan. **International Journal of Bilingual Education and Bilingualism**, v.16, nº 4, p. 494–505, 2013.

SCOLLON, R. and S. B. K. SCOLLON, **Discourses in Place: Language in the Material World**, London: Routledge, 2003.

SHOHAMY, E. G.; WAKSMAN, S. Talking back to the Tel Aviv Centennial: LL responses to top-down agendas. In: HÉLOT, Ch.; BARNI, M.; JANSSENS R.; BAGNA, C. (Orgs.). **Linguistic Landscapes, Multilingualism and Social Change**. Bern: Peter Lang, 2012, p. 109-125.

SHOHAMY, E. ;D. GORTER. (Orgs.). **Linguistic Landscape: Expanding the Scenery**. New York: Routledge, 2009.

SHOHAMY, E. ; BEN-RAFAEL, E ; BARNI, M. **Linguistic Landscape in the city**. Bristol : Multilingual Matters, 2010.

SHOHAMY, Elana. **Language Policy : hidden agendas and new approaches**, Routledge : Oxon, 2006. Disponível em <<https://doi.org/10.4324/9780203387962>>. Acesso em 28 out, 2019.

SHOHAMY, Elana. Linguistic Landscape and multilingualis. In: MARTIN-JONES, M.; BLACKLEDGE, A.; CREESE, A. **The Routledge Handbook of Multilingualism**. New York : Routledge, 2012.

SILVA, I.; SANTOS, M.E. P.; JUNG, N. M. Multilinguismo e política linguística: análise de uma paisagem linguística transfronteiriça. **Domínios de Lingu@gem**, v. 10, n.4, p. 1257-1277, out./dez. 2016.

SOARES, M. S.; GOMES, M.C.R.; SALGADO, A.C.P. Bonde dos Nike Fit: Ideological and Identity Issues towards a graffiti in the City of Juiz de Fora/Brasil. **American journal of Linguistics**, p.1-6, 2017.

SOARES, M. S.; LOMBARDI, R. S.; SALGADO, A. C. P. Paisagem Linguística e repertórios em tempos de diversidade: uma situação em perspectiva. **Caleidoscópio**, v. 14, n. 2, p. 209-218, maio/ago. 2016.

SOUZA, C. F. de. Práticas de linguagem no contexto de internacionalização em um instituto federal: placas de sinalização e seus efeitos glotopolíticos. **Trabalhos de Linguística Aplicada**, Campinas/Unicamp, v. 58, n. 3, p. 1353-1374, set./dez. 2019.

SPOLSKY, B. Prolegomena to a Sociolinguistic Theory of Public Signage. In: SHOHAMY, E.; GORTER, D. (Orgs). **Linguistic landscape: expanding the scenery**. New York: Routledge, 2009. p. 25–40.

TAVARES DE BARROS, F. H.; SANTOS HEIDMANN, G. V. dos; PHILIPPSEN, N. I. Nomes de famílias de origens portuguesa e espanhola em lápides do cemitério de Iguatu- PR. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 14, n. 4, p. 1245–1272, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/51779> . Acesso em: 1 maio. 2024.

TEIS, D. T.; SEIDE, M. S.; LUCAS, P. The toponyms in the linguistic landscape of av. Zelina, in São Paulo: a meeting in interdisciplinarity. **Revista do GELNE**, v. 20, número 2, p. 16-29, 2018.